



Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel

www.inhauser.com.br / marcos@inhauser.com.br

www.pastoralia.com.br

TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR

QUARENTA ANOS DEPOIS

Marcos Roberto Inhauser

No último sábado tivemos a reunião celebrativa dos quarenta anos de formatura no Colégio Culto à Ciência, que ocorreu no dia 7 de dezembro de 1970. Os antigos adolescentes meio virando jovens ali estavam, com o mesmo pique de outrora, relembrando antigas façanhas e traquinagens.

Creio que não há quem participe destes eventos de rever velhos amigos que não tenha a atitude inconfessa de olhar para os outros e ver o quanto o tempo afetou a anatomia de cada um. É impressionante a capacidade que o tempo tem de presentear com barrigas, roubar ou tingir de prata os cabelos. Uma constatação empírica é que o tempo é muito mais cruel com os homens que com as mulheres. Elas ali estavam sem grandes mudanças quanto ao que eram.

A reunião comemorativa trouxe-me, além da alegria de rever amigos e reviver momentos ímpares da vida, a surpresa ao ver que todos podíamos, quarenta anos depois, ainda cantar de memória o hino do nosso colégio. Isto mostra que o Culto à Ciência foi algo marcante na vida dos que ali tiveram a oportunidade de estudar.

Digo isto porque por muitas vezes eu afirmei a amigos e conhecidos que tive a honra de ter sido o pior aluno de uma das melhores classes brasileiras do Científico. O CECC era referência, padrão de educação para outros, ali estavam os melhores professores e o ingresso se dava por um vestibulinho. E até hoje não entendo como consegui fazer parte desta turma.

Nas conversas recordamos professores, seus modos e tiques. Não podíamos deixar passar as recordações do Milton Urubu e seu indefectível terno preto que, segundo a lenda, vinha sozinho ao Colégio, tão acostumado estava. Outro tema constante foram os antigos comerciais, produtos e guloseimas. Falamos de Glostora, Óleo de Quina de Petróleo, Conga, Xarope São João, Grapette, Pasquim, entre tantas outras coisas.

Ali sentado e conversando eu me perguntava aos botões: haverá este tipo de comemoração para a geração que hoje está se formando no segundo grau? Não tenho muita vivência nas escolas de hoje para aquilatar com precisão, mas tenho a impressão de que hoje os alunos não têm mais este sentido de pertencimento ao Colégio onde estudam, a escola não é mais tão marcante como o foi na década de 70.

Passar de ano era uma façanha digna de comemorações etílicas. Nem passava pelas nossas cabeças a tal da aprovação automática. Colar nas provas era uma engenharia digna de filmes de 007. Tirar boas notas era façanha a ser conquistada a cada mês em todas as disciplinas.

Não quero ser saudosista, mas o sendo: já não se fazem professores, diretores e Colégios como os que tivemos no CECC nos 60 e 70!